

Gente Que Morre

RUBEM BRAGA

VOU a São Paulo, e é a primeira vez que o faço depois da morte de Sérgio Milliet. Sua sombra amiga, divisei-a na rua São Luís, na saída de uma galeria de arte, entre as árvores da sua Biblioteca Municipal, na mesinha do bar. Lembro-o mais, porém, na sua antiga mesa, na velha redação de «O Estado de São Paulo», no tempo em que lá trabalhamos juntos.

Sérgio teve a morte boa, súbita, fulminante. Os amigos que foram ao seu apartamentinho, que eu não conhecia, contaram que era pobre como um quarto de estudante. Desde que o filho, môço e brilhante, morreu, Sérgio era uma espécie de órfão desencantado e boêmio. Mas nunca deixou de ser um grande trabalhador intelectual — e seus dicionários de tradutor lá estavam, abertos, sôbre a pequena mesa atulhada de papéis. Deixou um romance inédito, não sei se acabado. Não imagino o que ficará de sua obra poética. Sua obra de crítico, esta sei que teve uma poderosa influência na literatura e da pintura do Brasil de hoje; mas do que crítico, êle era um ensaísta, um orientador, um homem de sensibilidade e de cultura que sabia ensinar, mesmo quando o tinha o ar de estar apenas divagando.

Durante essa estada em São Paulo tomo conhecimento de mais duas mortes: a de Pedro Mota Lima, em um desastre de avião na Europa Oriental, e a de Bercelino Maia, atropelado na rua de um arrabalde paulistano. Dois homens de jornal que há muito haviam se afastado de meu caminho, tanto que eu nem sabia por onde andavam, mas que lembro com melancolia e saudade.

«Vivo!» — é como o pintor Scliar costuma responder quando a gente pergunta como vai êle. Esse número cada vez maior de amigos que se vão me impediria talvez de responder com tanta certeza à mesma pergunta. Percebo que me ficaria melhor responder, sem entusiasmo e sem aflicção: «sobrevivendo...».

2172/66